

Leite de Vasconcelos de volta aos Açores

Entrevistámos Ana Gil e Vasco Rosa, organizadores de uma nova edição do clássico «Mês de Sonho», que será lançado amanhã

«*Mês de Sonho. Conspecto de etnografia açórica*» será lançado nesta Sexta-feira, dia 16, às 18h30, na igreja de Santo André, na Rua Dr. Guilherme Poças, com apresentação de Susana Goulart Costa.

Em Maio de 2025, lançaram *Mês sem Sono. Reportagem da Visita dos Continentais aos Açores na primavera de 1924*, de Armando Boaventura, também edição da Letras Lavadas. O título tem semelhanças evidentes com esta obra de Leite de Vasconcelos. Que relação existe entre estas duas obras?

Ana Gil (A.G.) - Em *Mês sem Sono* quisemos fazer uma ligação evidente com o *Mês de Sonho* de José Leite de Vasconcelos. Ambos têm como tema a Visita dos Continentais aos Açores em 1924. *Mês sem Sono* reúne as crónicas sobre a viagem publicadas no jornal *A Época*.

O título escolhido alude à agenda muito ocupada que os visitantes tiveram na visita ao arquipélago. Já *Mês de Sonho* reúne aspectos etnográficos recolhidos por Leite de Vasconcelos nas ilhas açorianas, a que acresce um diário da viagem.

O que distingue esta nova edição de *Mês de Sonho* das anteriores, feitas em 1926 e 1992?

A.G. — Esta nova edição é anotada por nós, para que o leitor de hoje sítue melhor o que vai lendo, sendo remetido para outras leituras que com esta se relacionam. Um Arquivo enriquece a obra. Numa homenagem que quisemos fazer a Francisco Afonso Chaves no seu centenário, integramos belíssimas imagens da sua autoria no interior da sobrecapa e na capa, que valem por si próprias e complementam o discurso de Vasconcelos, nas temáticas abordadas.

Leite de Vasconcelos esteve nos Açores uma única vez com a Visita dos Continentais, que foi mais uma visita a São Miguel do que todas as outras ilhas do arquipélago, onde estiveram apenas durante as horas em que decorria o trabalho de cais, de passageiros e de carga. Esse desequilíbrio marca o livro em demasia?

Vasco Rosa (V.R.) — Marca-o sem dúvida, mas menos do que se imaginaria, pois Leite de Vasconcelos apoiou-se muito na sua biblioteca e nos livros que lhe foram oferecidos durante a viagem para o Discurso à Academia de Ciências de Lisboa que constitui a primeira parte do livro (a segunda é o diário da viagem). Obviamente, se a Visita tivesse sido mais longa, e maior o tempo passado em cada ilha, o relato teria sido estofado por uma observação directa alargada, de que ele foi sem dúvida um grande



>> Urbano Bettencourt na apresentação de «Mês sem Sono» de Armando Boaventura

mestre.

Os Arrifes de São Miguel foram uma maior surpresa para o etnógrafo, que aí reconheceu semelhanças nas formas arcaicas de dizer e fazer com a Beira Alta em que nasceu. Que impacto há de ter tido semelhante constatação?

V.R. — O impacto de quem soube reconhecer ter encontrado um tesouro que se diria estava à espera dele... Joaquim Manso disse: «Nos Arrifes encontrou ele a tradição a dormir desde o século XVI»... E de tal maneira que Vasconcelos se livrou um dia do programa da Visita para regressar aos Arrifes, acompanhado do padre local.

Na vossa edição conseguiram reunir 80 páginas de arquivo sobre o livro de Vasconcelos e sobre o Museu Etnográfico Açoriano. Como avaliam essa recolha, e o que é que ela explica ou ensina?

A.G. — O «Arquivo» que integramos nesta nova edição é muito rico e fruto de muita pesquisa por arquivos e bibliotecas. Reúne textos dispersos quer em arquivos (correspondência) quer em jornais como *Diário de Lisboa*, *Correio dos Açores*, *A Ilha* e *O Primeiro de Janeiro*, o que permite perceber a receção e a repercussão que tiveram *Mês de Sonho* e a *Viagem dos Continentais* muito para além de 1924. Será importante para investigadores, mas também terá interesse para o público geral. É, portanto, um serviço que prestamos ao autor, à cultura açoriana, à região e ao país.

Uma das fotografias mais conhecidas de Leite de Vasconcelos é a dele em inquérito no Corvo — e que

escolheram para a capa do livro. Todavia, como se sabe, ele esteve na ilha apenas duas ou três horas e nem sequer subiu ao Caldeirão. Raul Brandão, que chegou no mesmo barco, o «São Miguel», permaneceu ali duas semanas. Os relatos de ambos são comparáveis?

V.R. — Não podem ser comparados. Brandão veio aos Açores com o fito de ir ao Corvo, tanto que o seu livro abre com o capítulo «De Lisboa ao Corvo». Por maior que fosse a curiosidade etnográfica de Vasconcelos pela ilha mais pequena e isolada do arquipélago, e admita-se que o tivesse sido, a brevidade da escala impediu-o de aprofundar fosse o que fosse. E com todo o alarido típico dum «dia de santo vapor», pior ainda... É, desde logo, toda a diferença entre ir e estar, entre passar e sentir. E o interesse pelo humano de um e de outro também eram muito diferentes.

*jornal@diariodosacores.pt

